



# Anais da Assembléia

Nº 110

CURITIBA, QUINTA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1982

ANO VIII

**4ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA  
ATA DA SESSÃO SOLENE DE ENTREGA DO TÍTULO  
DE CIDADÃO HONORÁRIO DO PARANÁ,  
AO EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR  
EGAS PENTEADO IZIQUE  
REALIZADA EM 14 DE OUTUBRO DE 1982  
(QUINTA-FEIRA)**

Presidência do Senhor Deputado João Mansur, secretária da pelos Srs. Deputados Augusto Carneiro e Deni Schwartz.

Às 15:00 horas é registrada a presença dos seguintes Srs. Deputados: João Mansur, Gilberto Carvalho, Fiori Luiz, Augusto Carneiro, Nilso Sguarezzi, Ezequias Losso, Edilson Alencar, Adalberto Daros, Airton Cordeiro, Antônio Cotrim, Antônio Facci, Basílio Zanusso, Carlos Zanlorenzi, Cyro Martins, Dácio Leonel, Darcy Deitos, David Cheriegate, Deni Schwartz, Egon Pudell, Erondy Silvério, Fabiano Braga Côrtes, Fidelcino Tolentino, Francisco Escorsin, Fuad Nacli, Gabriel Manoel, Gabriel Sampaio, Gernote Kirinus, Gilberto Agibert Filho, João Elísio, José Domingos, José Domingos Scarpellini, José Tavares, Jurandir Messias, Lázaro Dumont, Leônidas Chaves, Lineu Turra, Luiz Alberto de Oliveira, Mário Celso, Nelton Friedrich, Nelson Buffara, Nestor Baptista, Palácios, Paulo Camargo, Pinto Dias, Quielse Crisóstomo, Renato Bernardi, Renato Bueno, Rosário Pitelli, Tadeu Lúcio Machado, Tércio Albuquerque, Trajano Bastos, Túlio Zanchet, Valduga, Valter Pietrângelo, Waldyr Pugliesi, Werner Wanderer, Wilson Fortes e Romero Filho, presentes ainda, inúmeras autoridades civis, militares e eclesásticas.

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Sob a proteção de Deus, declaro aberta a Sessão Solene em que receberá o título de “Cidadão Honorário do Paraná”, o Sr. Dr. Egas Penteado Iziq.

Para receber e acompanhar até este recinto, Sua Excelência o Sr. Doutor José Hosken de Novaes, Digníssimo Governador do Estado e o homenageado, designo uma Comissão integrada pelos Srs. Deputados: Erondy Silvério, Fabiano Braga Côrtes e Fuad Nacli.

Suspendo a sessão por alguns instantes até a chegada de Suas Excelências.

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Está reaberta a sessão.

Esta Presidência tem a satisfação de anunciar a composição da Mesa: Excelentíssimo Senhor José Hosken de Novaes, Governador do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Desembargador Alceu Machado, representante de Sua Excelência o Sr. Desembargador Helianto Guimarães Camargo, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, Excelentíssimo Senhor Doutor Egas Penteado Iziq, Cidadão Honorário do Paraná; Excelentíssimo Senhor Tenente Coronel Luiz Ferreira G. Molinari, representante de Sua Excelência o Senhor Brigadeiro do Ar, João Felipe Brack, Comandante da Escola de Oficiais Especialistas da Aeronáutica; Excelentíssimo Senhor Doutor Caio Nogueira Soares, representante de Sua Excelência o Senhor Jaime Lerner, Prefeito Municipal de Curitiba; Excelentíssimo Senhor Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Augusto de Oliveira Carneiro, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Deni Lineu Schwartz, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Convido os presentes a ouvirem o “Hino Nacional”, exe-

cutado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Paraná.

(É executado o Hino Nacional).

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Esta Presidência solicita do Senhor Primeiro Secretário desta Assembléia Legislativa, que proceda a leitura do Título de Cidadania Honorária do Paraná, que será entregue ao nosso homenageado.

O SR. 1.º SECRETÁRIO — (Procede a leitura do referido Título) (Lê):

**“REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
TÍTULO DE CIDADANIA HONORÁRIA**

Os Poderes constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais e, de conformidade com a Lei n.º 7610, de 21 de junho de 1982, conferem ao Excelentíssimo Senhor EGAS PENTEADO IZIQUE, o Título de Cidadão Honorário do Paraná, para o que mandaram expedir o presente Diploma.

Curitiba, 14 de outubro de 1982.

(aa) HELIANTHO GUIMARÃES CAMARGO — Presidente do Tribunal de Justiça do Estado  
JOSÉ HOSKEN DE NOVAES — Governador do Estado  
JOÃO MANSUR — Presidente da Assembléia Legislativa do Estado”

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Tenho a honra de solicitar do Excelentíssimo Senhor Doutor José Hosken de Novaes, Governador do Estado do Paraná, que proceda a entrega do Título de Cidadão Honorário do Paraná ao nosso ilustre homenageado de hoje, Dr. EGAS PENTEADO IZIQUE.

(É procedida a entrega do referido título ao homenageado, pelo Sr. Governador do Estado do Paraná).

(Palmas)

Com satisfação, concedo a palavra ao Sr. Deputado Fuad Nacli, para saudar, em nome do Poder Legislativo, o Sr. Dr. EGAS PENTEADO IZIQUE.

O SR. FUAD NACLI — Excelentíssimo Senhor Deputado João Mansur, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Doutor José Hosken de Novaes, Governador do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Desembargador Alceu Machado, representante de Sua Excelência Senhor Helianto Guimarães Camargo, Presidente do Tribunal de Justiça; Excelentíssimo Senhor Doutor Egas Iziq, Cidadão Honorário do Paraná; Excelentíssimo Senhor Doutor Caio Nogueira Soares, representante de Sua Excelência Senhor Jaime Lerner, Prefeito Municipal de Curitiba; Excelentíssimo Senhor Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Augusto Carneiro, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Deni Schwartz, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Senhores Deputados; demais autoridades; minhas Senhoras; meus Senhores. (Lê):

“Ocupo esta Tribuna hoje, não para apresentar, discutir ou defender reivindicações para o bem comum da nossa coletividade, função de todos nós, parlamentares, nesta Casa de Leis.

Ocupo esta Tribuna hoje, para trazer, de público, o reconhecimento, através do ato solene que ora presenciamos, desta mesma coletividade, através de seus representantes, a uma figura de singular personalidade e incomensurável valor como

profissional e pessoa humana que é: Professor, Dr. EGAS PENTEADO IZIQUE.

Apraz-me sobremaneira, além de muito me honrar, ter a oportunidade de prestar esta homenagem ao mais novo Cidadão Honorário do Paraná. E sinto-me inteiramente à vontade ao fazê-lo, pois, tendo o privilégio de, além de bem conhecer os seus invulgares atributos como profissional da medicina, nobre profissão que tão dignamente exerce, tenho também a ventura de privar de sua amizade pessoal bem como de sua distinta família.

Falar sobre o Dr. Egas Izique é para mim, portanto, tarefa fácil e de grande satisfação, não fossem as inumeráveis atividades e realizações, que durante a sua inatacável vida de cidadão e profissional veio somar, formando o seu invejável "currículo", que nenhum pronunciamento, nenhum discurso, conteriam palavras suficientes para delinear toda a sua dedicação a uma obra em prol de uma comunidade.

Profissional de altíssima competência, desnecessário dizer, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, destacou-se desde os seus tempos como acadêmico, atuando, já nos primeiros anos de estudo, em diversas áreas dentro do curso e em atividades extra-curriculares, demonstrando assim, uma vocação incomum para a carreira que havia abraçado.

Médico formado, acentua-se ainda mais a sua participação em seu campo profissional, agora ministrando cursos mais diversos, realizando palestras, orientando novos facultativos, não só na Capital, mas também em várias cidades do interior do Estado, onde prestou importantes serviços.

Não se pode esquecer sua atuação como professor universitário, formando diversas turmas de novos profissionais, hoje atuando nas mais diversas localidades deste nosso imenso rincão, fazendo, com isso, mais uma importante contribuição social ao nosso povo.

Não bastasse a sua brilhante atuação em vários setores, tem marcada também a sua participação em diversos congressos, jornadas médicas, cursos (inclusive no exterior, como convidado), de extensão universitária e atualização, além de uma gama valiosíssima de trabalhos publicados em revistas especializadas do mais alto conceito e trabalhos apresentados nos congressos dos quais participou.

O seu alto grau de capacidade, fez com que também presidisse diversas instituições do ramo médico, na Capital e no interior, quando não era designado como membro de comissões ou delegado, além de possuir credenciamento nos mais variados estabelecimentos hospitalares e de assistência médica do Estado.

A retidão, a seriedade, a dedicação sem medir esforços, fatores constantes na sua vida, visando apenas o dever bem cumprido, chegou a lhe valer o título, entre inúmeros outros, de destaque do ano na medicina, em 1976, em nosso Estado.

Doutor Egas Penteado Izique, vindo de sua cidade natal, Pirangi, no Estado de São Paulo, fez do nosso Paraná a sua terra.

Aqui, ainda muito jovem, estudou, especializou-se, dedicou sua vida ao bem-estar do nosso povo; a salvar vidas, luta insana na qual poucos se engajam com tanto desprendimento; a prevenir os males que atingem a saúde de nosso povo, como profissional consciente.

Praticamente uma vida inteira dedicada ao bem comum, neste nosso querido Estado do Paraná, do qual já de há muito se considera um cidadão, pelo amor cívico e de coração, que dedica a esta nossa terra.

Aqui casou-se, constituiu família e trabalha, ainda com o mesmo afinho de tempos passados. Há que se ressaltar aqui, um fator importante na vida de Dr. Egas Izique, num dos maiores momentos de sua vida, senão o maior, seu coração deixou-se cativar por uma filha de nossa terra. Aquela que viria a ser a sua companheira inseparável, oriunda de uma das mais tradicionais famílias paranaenses, da progressista cidade de Guarapuava,

a família Afonso Camargo.

Com esta exemplar esposa, teve a ventura de ter quatro filhos: Egas Penteado Izique Júnior, Gastão Camargo Izique, Flávia Cristina Camargo Izique e Paula Cristina Izique Victorelli, hoje Senhora Hermínio Victorelli Filho, também de tradicional família londrinense, todos eles digna e orgulhosamente honrando o nome que receberam na pia batismal, pela formação de caráter que receberam.

E é por isto e por vários outros motivos que levaríamos um tempo incalculável a descrever, que, com o maior merecimento, este povo, através de seus representantes, em retribuição a tudo o que Vossa Senhoria tem feito em seu campo de trabalho e como pessoa humana, lhe outorga o Título de Cidadão Honorário do Estado do Paraná. Esta é a maneira que se usa para fazer com que, pessoas especiais como é o seu caso, oriundas de outras plagas, e que escolheram o nosso Estado para fazer dele o seu local de trabalho, o seu lar, a sua vida e seus ideais, sejam merecidamente, reconhecidos como filhos desta terra, como o próprio nome diz: Cidadão Honorário — de "honoris", honra; Cidadão de honra de nosso Estado, nada mais justo portanto, para que agora, Dr. Egas, possa o Senhor sentir-se ainda mais próximo dos paranaenses, para que continue a dedicar-lhes todo o seu incomparável cabedal de conhecimentos que vêm sendo acumulado por todos esses anos de experiência, e também para que nós, paranaenses, por nosso lado, o sintamos mais nosso, o que só nos honra e apraz.

Não seria justo finalizar, sem deixar patente, que a homenagem que hoje se presta ao Dr. Egas Penteado Izique, é, evidentemente, extensiva àquela que esteve sempre ao seu lado, nas horas difíceis, nos momentos de glória e recompensa pelos êxitos atingidos, incentivando, participando, doando-se também, para que o seu sucesso fosse ainda mais completo: sua esposa, senhora Paulina de Camargo Izique, a qual recebe também os nossos respeitos e nossas homenagens.

Parabenizo-o em nome de todos os componentes desta Casa, a Casa do Povo do Paraná, e de agora em diante, com muito prazer e orgulho, também o seu Estado.

Parabéns."

O SR. PRESIDENTE (João Mansur) — Tenho a honra de conceder a palavra ao Sr. Doutor Egas Penteado Izique, nosso ilustre cidadão paranaense.

O SR. EGAS PENTEADO IZIQUE — Excelentíssimo Senhor Deputado João Mansur, ilustre Presidente desta Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Doutor José Hosken de Novaes, Digníssimo Governador deste Estado; Excelentíssimo Senhor Desembargador Alceu Machado, representante de Sua Excelência o Senhor Desembargador Heliantho Guimarães Camargo, Presidente do Tribunal de Justiça; Excelentíssimo Senhor Doutor Caio Nogueira Soares, representante de Sua Excelência o Senhor Jaime Lerner, Prefeito Municipal; Excelentíssimo Senhor Alcy Joaquim Ramalho, nosso magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Augusto de Oliveira Carneiro, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Deni Schwartz, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa; Senhores Deputados; demais autoridades, minhas Senhoras, meus Senhores. (Lê):

"Constitui para nós uma honra inigualável falar neste Casa.

Ágora e Fórum, Cátedra e Tribuna e por que não púlpito de pregações humanísticas que se tornou símbolo do mundo democrático.

Que os homens possam vê-la através dos tempos como símbolo da liberdade, das soluções justas, justas e livres, conjugando a consciência e expressão de uma maioria liberta de paixões partidárias.

Que seja livre no uso da palavra nas discussões e críticas com o mesmo direito na ágora de outrora.

Que o povo humilde com quem tantos anos convivi se orgulhe de vossas decisões na devolução e defesa do direito deles tão lúdico como o nosso.

Esse mesmo povo, maioria desta Nação alicerce sustentáculo da democracia, máquina de produção, ordeira e cívica com certeza perpetuará esta casa e estes homens para orgulho nosso.

Esta democracia, Senhores, esta paz vale a pena ser vivida e se assim não fosse não estaria eu aqui para agradecer e lembrar os dias da minha vida que a tanta gente devo.

Devo a vocês, a minha esposa, aos meus filhos e a todos, que são tantos.

Meus amigos,

O amor por esta terra e o destino talvez há muito foram plasmados na minha alma de criança.

Tal como a imagem da própria Pátria. Ao lado de meu pai e minha mãe, ouvia atento os sóis, árvores e aves que no longínquo Paraná, faziam dela a terra prometida.

Bem diferente senhores, das já exauridas terras do meu Estado onde quase já se superpanham as divisas. Lá, diziam eles, os homens são alegres. Alegres são seus filhos e os olhos azuis das crianças são mais azuis que o horizonte emoldurado pelos pinheirais.

Lá, diziam eles, as campinas verdejantes fazem inveja aos florescentes cafezais.

Afirmava meu tio, a Universidade, única no País, onde os professores só recebem a gratidão pela cultura.

Um caldeado de raças, onde para ali convergem milhares de alunos.

Estava criada, na cera virgem como são todas as almas das crianças, um elo que a tempera do tempo veio consolidar.

A velha farmácia de meu pai, sempre fora encontro de políticos, médicos e porque não, de uma multidão de desassistidos, sempre à procura de uma migalha de conforto ou de remédio para suas dores.

Assistia eu aquele quadro. Quadro de todos os dias. Lamento de todas as noites. E nós todos, na minha casa, pela bondade de meus pais, passamos a compartilhar das mesmas migalhas repartidas.

Com que satisfação d'alma elas eram divididas. Como era duro dividir o dividido.

Via nos olhos de meu pai, a preocupação pelo que viesse a faltar.

Faltar a nós e a eles o remédio e o dinheiro para a sua compra.

Assim foram meus anos de infância.

Via meu pai praticando a Medicina e minha mãe para ajudá-lo, manipulando as receitas.

Via o velho, sempre com livros suprimindo a falta de médicos que não pôde ser por contingências econômicas.

O seu tirocínio e cultura criaram em torno dele uma áurea mística que até hoje perdura.

Na Praça que leva seu nome há um pequeno tumulto que até hoje, almas piedosas levam flores tão vivas quanto a memória das histórias de um gesto e da cura.

História renovada, mais pela bondade inigualável dos homens de lá.

Foram tão marcantes aqueles momentos. Foram tantos os cirurgiões que ali passaram e tantos foram os médicos que recém-formados viveram conosco à espera de melhores dias que resolvi ser um deles nesta terra que também é minha.

O povo nas ruas comemoravam a passagem do ano quando aqui cheguei.

Era noite. As casas, sim as casas, como eram diferentes. A face rosada das pessoas, via-se na penumbra.

Quis ver a Universidade. Acariciei a sua porta. Era quase

meia noite.

Lembrei então, do privilégio que tinha e que o velho não tivera.

Remorso. Talvez meus irmãos se sacrificassem para que eu a tivesse.

Trazia no peito um amuleto que minha mãe piedosa ali colocara.

Num bolso, um punhado de dinheiro. No outro, um pequeno monte de medalhas dos tempos de colégio, na presunção que tivessem algum valor.

Não era fácil senhores e nem é possível que também hoje, tanto se sacrifique para que os meus e seus filhos possam realizar o mais correto e mais puro dos sonhos de criança.

O ensino superior deve estar ao alcance de todos, distribuído com os livros à mão cheia.

As drogas, o vício, a fuga, não acredito, mas tenho certeza senhores da lei, estão aí por resultado, aos olhos de todos.

Então nos entulhos desmoronados de centenas de jovens, que também crianças, sonharam como todos nós.

Cirurgião dissecava com respeito e não profana, dizia meu velho. Só assim poderá ser digno do nome de cirurgião quanto devermos a eles. Reverencio a todos, quase em devoção.

Com que tristeza interrompi meu curso.

Aos 19 anos, despreparado, já fazia parte da gloriosa Força Expedicionária Brasileira. Quis o destino, que o comandante da Força, passasse em revista as tropas.

Guiado talvez, pelas orações e lágrimas de minha mãe, dirigiu-se direto a mim, na presença de centenas de outros jovens imberbes e cheios de vida.

Naquele momento, me ofereci para o Serviço de Saúde do 1.º Escalão.

— O seu lugar será o que eu determinar, respondeu o general.

Afastado da Força, fui cursar a Companhia Escola de Engenharia.

Que contra-senso. Tornei-me instrutor de minas e pontes. Técnico em destruição para graduados da frente de combate.

Felizmente, a paz se fez e com ela a minha paz.

Reatava o caminho interrompido.

Que alegria voltar às aulas!

A cirurgia era uma obsessão.

Procurei a Santa Casa. Procurei um grande mestre.

Vim a conhecer então, aquela figura simples que o povo amava. Que respeitava os homens simples.

Faltou o pai, faltamos nós, faltaram as instituições.

Por favor, Senhor Presidente, façam alguma coisa pelos filhos e pelos filhos de todos estes que com o seu voto, esperam dias melhores.

Façam por favor, algo como um velho farmacêutico esperou que fizessem pelo seu filho.

E por favor, façam que acreditem nos senhores. Não deve existir para este povo, uma opção como a atual para o bem comum.

Que alegria pelo ingresso na Universidade. Tristeza pelo amigo que desiludido partia.

Aqui as injustiças começaram, num único vestibular, avaliação incorreta da capacidade.

Com que respeito dissecamos cadáveres no aprendizado da anatomia.

Respeito por aqueles anônimos. Anônimos e muitas vezes vítimas.

Respeito por eles que serviam à ciência, como última forma de pagar o último débito aos que tanto lutaram para salvá-los.

Nós estavam. Quase iguais aos de sumárias vestes que pediam clemência à porta de meu pai. Que via nos tempos de criança. Que respeitava aqueles, que no semblante, traziam escritos o sinal da dor e da doença. Aqueles que um simples olhar

de compaixão já servia de lenitivo. E eles se transformavam ao vê-lo. Via-se a tristeza por não haver lugar para todos.

Assoberbado pelos problemas sociais, médicos, pelo autodidatismo, pela incerteza do pós-operatório ele se tornou um homem duro para aqueles que o cercavam.

Quase tudo, não permitia erros.

A perfeição necessária, era quase uma intransigência.

E assim, quantas vezes fomos postos para fora da sala de cirurgia.

Com que inveja via seus assistentes.

Dr.

Naquela escola de cirurgia e traumatologia e porque não de humanismo.

— Aqui só entra quem trabalha e estuda, foram as palavras rudes da minha admissão.

Prestava naquela ocasião, um concurso para o Pronto Socorro. Como era importante assumir decisões, tomar medidas heróicas.

E nas casas, os mesmos problemas do meu tempo de criança, os mesmos homens.

Foi naquela época que vim a conhecer a que seria minha esposa. Tinha nos olhos a cor que espia o ancestral longínquo de outras terras. Mal sabia ela que as alegrias não eram as que nosso espírito jovem traçaria.

Na velha Santa Casa, os dias se passavam. Levava à noite meus amigos para o Banco de Sangue, agora uma Unidade. O Prof. Vitor do Amaral a permitir que eu internasse as minhas primeiras cirurgias na sua enfermaria. Levava ao fim os conhecimentos da cirurgia e traumatologia.

Formado, com tristeza me despedia do Prof. Mário de Abreu.

Chegava a Porecatu. Uma cidade em evolução. A chaminé fumegante da usina, num horizonte marginado por filhas de cafezais. E ali, todo dia desciam dos caminhões uma multidão de homens, mulheres e crianças. Esquálidos, traziam nos olhos a visão fantástica da terra dadivosa, bem diferente da caatinga distante. Um hospital que meu velho amigo Dr. Ninno, construía. Com capricho e cuidado, já era o melhor hospital do Norte.

Lá começamos nossa luta. Luta hospitalar na cirurgia e traumatologia. Luta na prevenção das moléstias infecto-contagiosas:

**MALÁRIA E FEBRE TIFÓIDE,  
SCHISTOSOMOSE E MOLÉSTIA DE CHAGAS.**

Iniciamos a maior vacinação em massa, que temos notícia. As variações do micro-clima e a ausência de imunidade específica, devastava famílias inteiras. Que terra de promessa buscamos, diziam eles!

Aqueles mais nutridos, símbolo do descaso, estavam ali às centenas, adquirindo e transmitindo moléstias. Tornando endêmicas e autóctones as moléstias que trouxeram. Por determinação de João e Urbano Lunardelli, adotamos a orientação do Serviço de Saúde Panamericano do Paraná, no mais concentrado esforço de combate às endemias.

O hospital progrediu. Lá estava João Lunardelli a canalizar verbas para a sua modernização.

Sistemas de Anestesia, de Recuperação e Berçário, Hidratação, Traumatotopédia foram instalados. E aquele hospital se tornou um centro de trabalho e de prestação de serviços a uma população carente. Carente de meios e que via alguma esperança.

E se investia no homem um grande plano assistencial.

Cansado, à noite, corria às enfermarias. O isolamento onde patricios nossos ardiem em febre. Ansiava eu pelas férias da Universidade por que dezenas de alunos de vários lugares, atraídos pelo volume de serviço, para lá se dirigiam.

Voltei a Curitiba. Casei-me. Minha pobre esposa passou a fazer parte de uma multidão de lutadores no hospital.

A vacinação e controle da dedetização, as cirurgias, as emergências, atendiam a uma população de 20 mil pessoas, que trabalhavam nos canaviais e na usina.

Naquela casa de madeira, havia sempre o sorriso da minha esposa para quem chegava condoído por uma população estigmatizada pela doença, que pagava ainda, pelos erros de uma orientação econômica distorcida no Norte deste País.

Paulo Pimentel, o jovem diretor entende e assume o problema.

A moléstia de Chagas se manifesta, agora autóctone nas formas agudas.

A maior dedetização residual de que se tem notícia, foi iniciada e mantida.

A gota espessa e os chagomas confirmavam a moléstia.

A identificação de propósitos entre nós. Entre um médico e um jovem diretor nos aproximava para uma grande amizade que o tempo não apagaria.

Como se isto não bastasse, humano, desde aquela época, determinou ante o que via que a assistência médica seria totalmente gratuita.

E naquela época, a distribuição gratuita de medicamentos se iniciou.

Fora dos limites da Usina, grupos de homens iniciaram o plantio em terras, cujos limites a grande mata virgem escondia.

E lá estavam homens, mulheres e crianças, que só o grande rio que os trouxera, sabia.

Só conheciam o legítimo direito da posse a quem amaina e cultiva a terra.

O direito dos apadrinhados nunca seria os deles.

Nunca poderia haver, como agora, a justiça de uma distribuição justa.

O choque entre apaniguados e eles foi criado.

A polícia se fez presente.

Não foi nada fácil palmilhar a mata como um alvo na procura dos feridos.

Olhando aquelas mulheres e crianças chorando, órfãos reais, órfãos da lei e dos homens, pude ver que outro drama nos feria a alma. O drama da terra.

Um monte de cadáveres irreconhecíveis, maltrapilhos, tostados pelo sol, jazia ali como um troféu para os que os dizimaram, usando o nome da lei.

Pagaram caro os sonhos do sol e da terra. Mas foi um holocausto válido.

Foi nesta época, caro Fuad, que as nossas relações se fortaleceram.

Havíamos nos identificado no atendimento àquela gente.

Você e Dona Maria, prestando uma ajuda inestimável àquele povo banido. Os seus amigos de Centenário, Vila Progresso e Porecatu não esquecem a ajuda recebida.

Entre esses episódios nós fomos alvos, percorrendo a mata para um povo bom que a sorte de outros os tinha deixando agressivos.

Por minha mulher, já não podia dizer um dia, como se aquilo não bastasse, a febre amarela, por nós identificada completaria aquele quadro tão desolador.

Experimentamos tratá-los com tudo o que havia na época, sem resultados e muitos daqueles nossos, Fuad, se foram. E sofremos a pressão dos poderes, pelo medo da transmissão para que ali não fossem internados.

A cirurgia, a traumatologia e as consultas sem número, tomavam todas as nossas horas. Não conseguia viver. Já quase não via meus filhos.

As poucas horas mal dormidas se contavam.

Já quase não podia entrar no hospital, tal a multidão de necessitados.

Você foi prova disso, Fuad. Os teus amigos estavam lá.

Com que tristeza assedia ao convite do Prof. Mário de

Curitiba, quinta, 14/10/82

Abreu para voltar e fazer parte do Hospital de Clínicas.

Tristeza por deixar aquele povo bom com o qual havia me identificado. Povo igual aquele que meu pai idolatrava. Igual sim, ao povo humilde, que na minha terra tomara seu caixão na Igreja para levar o velho Prefeito, o velho protetor, à sua última morada.

Mas era preciso deixar o lugar para os jovens.

A ciência evoluía e eu não podia parar. Exigira demais dos meus.

A Revolução de 64, nos surpreendeu no Hospital de Clínicas de São Paulo.

Passando entre as colunas de tanques, de lado a lado, frente a frente, deixei lá, meus irmãos, e senti então que me havia tornado um filho desta terra.

Sem abandonar o meu Hospital de Clínicas, e atraído pela idéia da interiorização da assistência médica gratuita, aceitei o duro encargo de coordenador da Unificação da Previdência Social.

Foi-me grato ver a adoção nacional, das deliberações deste Estado.

As coordenadorias locais, a liberação dos anestesistas e laboratórios da influência hospitalar, o justo pagamento aos clínicos, pela tabela regressiva e por fim as duplicações de serviços, foram coisas nossas.

E as ambulâncias deste Estado que levaram médicos e medicamentos aos lares, foram as últimas a ser desativadas neste País.

Saimos quando não era mais possível lutar e com as economias desaparecidas.

Hoje médicos e doentes se encontram numa indistintável insegurança, querem imputar à classe médica a responsabilidade por situações atuais de insolvência.

A apelada sofisticação da medicina nunca foi causa de problemas econômicos, somente para aqueles que sabem manipular números. Sofisticação é progresso, é segurança de tratamento e precisão diagnóstica que nas condições atuais não se pode prescindir.

Não serão os médicos, meus senhores, que terão a coragem de limitá-la ou suprimi-la no atendimento a seus semelhantes.

Dividíamos o nosso tempo entre o Hospital Cajuru e o Hospital de Clínicas. Faziam parte integrante de nossa vida.

Encontramos ali uma equipe de homens preparados e experientes.

Na época, era uma honra ser um deles. Acadêmicos e médicos compensavam as limitações materiais com grande sacrifício.

Dividiam e somavam as responsabilidades.

O automóvel se tornava cada vez uma arma mais agressiva. Agressiva do inábil, agressiva do irresponsável, criminosa na mão dos drogados e psicopatas.

E ali no hospital, estavam internados culpados e vítimas de um drama, entregues ao milagre da recuperação. Recuperação sem escolha, recuperação espontânea e a morte a anular o que de melhor lhes demos. Cirurgiões e anestesistas nas longas horas das salas de cirurgia.

A primeira unidade de terapia e assistência ventilatória da capital, passamos a recuperar o que parecia perdido.

Foi para isto, Sr. Paulo Pimentel, que usamos suas doações. A sua preocupação no seu interesse contínuo pelo bem-estar dos pacientes, estava resolvido. Ainda se houve hoje, pelos médicos que ali passavam, o reconhecimento ao que foi feito.

Os anos passaram a pesar na minha vida.

As intervenções cirúrgicas a que me dedicava eram cada vez mais complexas.

O hospital se transformava. Como desejava que aquela união de médicos e acadêmicos tivesse continuado.

Assim deixei aquele hospital, de onde tendo as mais gratas recordações e continuo pedindo ao poder público que os ajude, exigindo a prestação de contas dos que modificarem o espírito humanitário e necessário para o qual foi transferido.

E nestes anos no Hospital de Clínicas, fizemos tantos amigos. Dr. Manoel Cavalcanti e muitos outros.

Identificados ficamos com os residentes da cirurgia na procura de coisas novas, na volta aos velhos métodos, quando voltar atrás era progredir.

Pela cirurgia, arte e ciência, objetivo de cura, muitos passaram e as enfermarias deram a eles a consciência do humanismo, adquiriram a ténpera do cirurgião que jamais se curva nem à doença nem ao traumatismo, e muito menos à morte. Adquiriram com o cirurgião o senso do arbítrio da ação urgente do primordial e do eletivo, viram que a prescrição mudada não corrige o erro cirúrgico. Adquiriram o sentido de suas e nossas limitações, aprenderam a curvar-se ao lógico e filosófico sentido da qualidade de vida. Aprenderam a dominar suas emoções, moldar o trato e antes de tudo a respeitar incondicionalmente o homem.

Meus amigos.

Deus fez com que nos encontrássemos neste dia. Creio que muitos são testemunhas vivas da história de um médico, história comum como tantas outras. Falta, nesta hora, a figura do mestre que com certeza aqui estaria. Não podia olhá-lo no leito, esperando o dia, esperando a morte.

A emoção era muita.

Faltam meus pais.

Faltam muitos dos nossos amigos comuns, porque Deus não permitiu.

Faltam aqueles que tanta preocupação e trabalho nos deram, que tanto por eles lutei. E esse mesmo Deus, o meu, o deles, puniu-me, levando-os.

Faltam aqueles anônimos, humildes, que permitiram o aprimoramento da cirurgia, ciência e arte que não é nossa.

Sinto a presença no progresso daqueles heróis anônimos que transformaram a mata inóspita na mais cultivada terra deste País.

Com que satisfação também, sinto a presença dos que viveram comigo esta história, história de um cirurgião, que aproveita esta oportunidade para pregar a humanização da Medicina e confessar um acendrado amor a esta terra que o acolheu.

Sr. Governador.

Há muitos anos, recebi em meu consultório, a sua visita. Recebia o Decano, grande jurista de Londrina. Como foi bom conhecê-lo.

A figura não fazia diferença ao que minha mente criara com maior admiração, ouvi suas palavras. Pedia Vossa Excelência por um médico, autor de livros, que agora doente, à beira do desespero, almejava autorização para cirurgias e algo fixo para sua subsistência.

Soube mais tarde, que Vossa Excelência já lhe havia dado o dinheiro de uma biblioteca, sem nunca tê-la buscado.

São esses fatos que ficam na lembrança da gente.

Médico foi ele. Médico também sois vós e tantos outros no amparo dos semelhantes, feito à imagem de Deus.

Sr. Presidente.

Com humildade aceito a promoção que agora fazem. Aceito em nome de uma classe sofrida, que mercê de Deus ainda ocupa o lugar que a justiça lhe reserva.

Cidadão deste Estado, seremos nós. Como aqueles que aqui chegaram e deram a esta terra seus melhores dias e o melhor de si. Cidadãos, estais certos, foram aqueles que na ignorância, se tornaram vítimas dos que mau usavam o nome da justiça.

Honorários e anônimos são cidadãos e muitas vítimas das endemias que transformaram este Estado.

Estamos todos agora irmão, atendendo os anseios desta

terra dadivosa, tão dadivosa que se vê continuamente despojada de seus bens e seus direitos, mas à véspera de um basta.

Meu Deus, quantas e quantas vezes o odiei num sentimento de revolta ante os vossos inexplicáveis desígnios, que blasfêmia. E eu o perdoei. Quantas vezes me viste chorando as alegrias dos vivos, e revoltado no insolúvel da morte. Mas meu Deus, foram muitos os dias que em paz vivemos. Que me perdoe minha dedicada esposa pelas alegrias que esta vida lhe privou.

Meus filhos, que me perdoem pela palavra que tantas vezes faltou, me perdoem pelos carinhos que só na lembrança ficaram. Que me perdoem os alunos pelos ensinamentos que faltaram, que os mortos aceitem as limitações e erros que foram meus, que Deus, amigos e os que se foram digam por piedade que me perdoaram.

Só assim, todos esses anos, horas incontáveis e minutos desta luta, de um médico simples, valeram a pena de ser vivos''.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE — (João Mansur) Esta Presidência solicita da Comissão anteriormente designada, que acompanhe Sua Excelência o Sr. Dr. Hosken de Novaes, DD. Governador do nosso Estado, durante sua permanência no Palácio Dezenove de Dezembro, bem como o ilustre homenageado Cidadão do Paraná ao Salão de Festas desta Casa, onde receberá os cumprimentos e oferecerá um coquetel aos convidados presentes.

Antes do encerramento, desejo consignar os agradecimentos da Assembléia Legislativa às ilustres autoridades civis, militares e eclesiásticas e demais pessoas presentes, pelo honroso prestigiamento que concederam a esta solenidade, que declaro encerrada após execução do Hino do Paraná, pela Banda de Música da Polícia Militar do nosso Estado.

(É executado o Hino do Paraná).

Levanta-se a sessão.